



## APRESENTAÇÃO DA 37ª EDIÇÃO DA TRAVESSIAS: DOSSIÊ “MITOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS”

### A pós-vida dos mitos na contemporaneidade

Para esta edição da revista *Travessias*, organizamos o dossiê *Mitologias Contemporâneas*. Para tanto, nos apropriamos do conceito de pós-vida das imagens para entendermos a pós-vida dos mitos.

A segunda maior cidade da Alemanha, Hamburgo, foi o cenário para a profícua produção de um dos maiores pesquisadores do século XX no campo da imagem: Abraham Moritz Warburg, conhecido como Aby Warburg (1866-1929). Nascido em uma rica família judia proprietária de bancos, deixou o comando do império financeiro para seu irmão mais novo, com a promessa de que a família comprasse todos os livros de seus desejos e necessidades. Com uma coleção iniciada em 1889, chegou a impressionantes 60 mil volumes no início da década de 1930, compondo a Biblioteca Warburg de Ciências da Cultura – Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg, transferida para a Inglaterra (Londres) antes da Segunda Guerra. História, arqueologia, religiões, artes, antropologia, astrologia, alquimia, magia, antiguidade, mitologia e medicina foram a base para um olhar atento, crítico e, principalmente, interdisciplinar.

Warburg foi um ser humano muito à frente de seu tempo. Em outras palavras, seu olhar pareceu antecipar os tempos exagerados de mídias, linguagens e imagens no qual estamos hoje inseridos e um olhar estendido até mesmo para a face natural e/ou fisiológica da nossa relação com as imagens, antecipando os atuais princípios neurocientíficos. A metodologia warburguiana é interessante, nada convencional, inaugurando a chamada iconologia – o estudo em que vários saberes convergiam para a prismação das obras de arte. Primeiramente ele dispunha diferentes imagens – tais reproduções de esculturas, relevos, afrescos, pinturas, desenhos, esboços artísticos e científicos, cartas de baralho, fotos de jornais e anúncios publicitários – sobre painéis de madeira cobertos de preto. Os arranjos nos diálogos e aproximações entre de linhas e constelações imagéticas mostram as transformações e reinterpretções de certas fórmulas de imagem desde a antiguidade até a era moderna do início do século XX.

É bem por isso que, os estudos de Warburg despontam como um tipo de ciência da arte e da memória cultural. O estudioso ainda desenvolveu o Atlas Mnemosyne que foi uma investigação profunda sobre a ancestralidade das imagens. Com esse método, o iconólogo buscou identificar as

estruturas que sustentavam diferentes imagens, uma dessas estruturas é o mito. Essas memórias visuais se assemelham em função psíquica a elementos arquetípicos. Classificando, agrupando por categorias as imagens, compondo quadros associativos imagéticos, umas do lado das outras, Warburg observava um panorama histórico e transdisciplinar a partir dessas imagens.

Mnemósine, deusa da memória e mãe das nove musas, marca o trabalho de Warburg em relação à história da arte. Assim, atuou por toda sua vida na tentativa de conceituar a influência da antiguidade no moderno como um efeito dos processos de memória cultural. Para o pesquisador, impressões antigas e mundos imaginários são armazenados como em uma memória e, por assim dizer, são trazidos à tona na arte moderna. Metaforicamente, as imagens possuem vida própria. Essa vida não apenas é continuamente transmitida pela arte, mas deliberadamente apropriada e, muitas vezes, irrompem diante do olhar como fantasmagorias, em formas imagéticas. Podemos traçar, a partir dos estudos warburgianos, o conceito de pós-vida do mito, isto é, algumas imagens fortes, intensas ou seus fragmentos eram intermitentes, ressurgiam em momentos distintos ou até mesmo não desapareciam no fluxo temporal das culturas.

Os espaços imagéticos podem ser classificados à moda warburgiana, como constelações, onde agrupamos diferentes imagens onde há um traço em comum em sua estrutura sónica. Neste sentido, podemos pensar em constelações imagéticas tais como: a constelação sagrada, a constelação artística, constelação midiática e, no caso deste dossiê Mitologias Contemporâneas, a constelação mítica. Dessa maneira, selecionamos pesquisas para esta edição da revista Travessias que relacionassem, mesmo entre *corpi* distantes no tempo e no espaço, algo que podemos identificar por uma pós-vida da imagem mítica. Tratamos, portanto, de um estudo do mito que ganha outros sentidos, reatualizados, ritualizados no contemporâneo da literatura, do cinema, da cultura midiática. Mitos sobreviventes.

*Os organizadores,  
Adriana Goreti de Oliveira Lopes (Unioeste)  
Hertz Wendel de Camargo (UFPR)*